



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III –“OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA EFICAZ**

MARIO JEFFERSON CANUTO DA SILVA

**GUARABIRA-PB
2019**

MARIO JEFFERSON CANUTO DA SILVA

**PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA EFICAZ**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB-Campus
III, em cumprimento aos requisitos necessários para
a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de
Oliveira.

GUARABIRA/PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Mario Jefferson Canuto da.
Planejamento e avaliação [manuscrito] : caminhos para uma prática pedagógica eficaz / Mario Jefferson Canuto da Silva. - 2019.
52 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira, Departamento de Educação - CH."
1. Docente. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4. Planejamento.
5. Avaliação. I. Título

21. ed. CDD 371.207

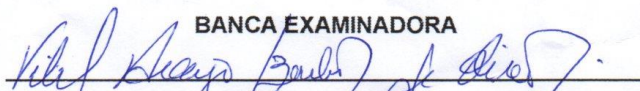
MARIO JEFFERSON CANUTO DA SILVA

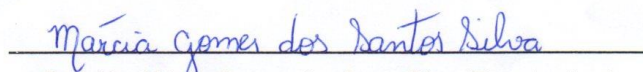
**PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA
PEDAGÓGICA EFICAZ**

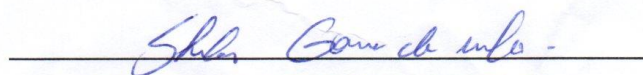
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades
da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB-
Campus III, em cumprimento aos requisitos
necessários para a obtenção do título de licenciado
em Pedagogia.

Aprovado em 11 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Márcia Gomes dos Santos Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Sheila Gomes de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Inicialmente a Deus, aos meus pais e irmãos que foram essenciais nesse processo formativo, a todos que, de forma direta ou indireta, desejaram energias positivas para o bom desempenho deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao pai do céu que me criou, constituindo a força que dá vida a minha alma.

A meus pais Maria Anunciada e Geraldo, esses, determinantes na minha trajetória profissional.

Aos meus irmãos Geraldo Junior e Jose Jordy, a eles que comigo formam minha base familiar e me encorajam na caminhada.

Ao Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira pela dedicação em abraçar a posição de orientador, e acima de tudo sendo um docente imbuído pelo ato de educar.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”
(Charles Chaplin).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância do planejamento e avaliação no campo da educação que, diante dos desafios e relatos dos professores, ainda existe diversas dificuldades que impedem o sucesso no ato de planejar e avaliar. Além dos estudos bibliográficos, foi aplicado um questionário aos professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental em duas escolas do ensino fundamental na cidade de Passa e Fica/RN. As perguntas foram elaboradas mediante a abordagem proposta nesse trabalho. No transcorrer da pesquisa é discorrida a trajetória histórica sobre o planejamento e avaliação, bem como os caminhos percorridos até os dias atuais, desencadeando igualmente uma discussão sobre a eficiência, sistematicidade e dificuldades que ainda incidem na prática como os instrumentos desviantes na avaliação e planejamento. Como base teórica, mencionarei autores como: Menegolla e Sant'Anna (2001); Libane (1994), Libane (2001), Luckesi (2011), Sant'Anna (1995), Matui (1995) e Gatti (2009); e documentos que marcam o processo de planejamento, como: PNE (Plano Nacional de Educação), LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), BNCC (Base Nacional Curricular Comum), para contribuir com a fundamentação deste estudo. Ao resultado final dessa pesquisa, os docentes demonstraram diversos aspectos positivo sobre suas práticas voltadas ao planejamento e avaliação.

Palavras-Chave: Planejamento. Avaliação. Docente. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the importance of planning and evaluation in the educational field that, faced with the challenges and reports of teachers, there are still several difficulties that prevent success in the act of planning and evaluation. In addition to the bibliographic studies, a questionnaire was applied to teachers who work in the early grades of elementary school in two elementary schools in the city of Passa and Fica / RN. The questions were elaborated using the approach proposed in this paper. In the course of the research the historical trajectory on planning and evaluation, as well as the paths traveled up to the present day, has been discussed, also triggering a discussion about the efficiency, systematicity and difficulties that still affect the practice as the deviant instruments in the evaluation and planning. As a theoretical basis, I will mention authors such as: Menegolla and Sant'Anna (2001); Libane (1994), Libane (2001), Luckesi (2011), Sant'Anna (1995), Matui (1995) and Gatti (2009); and documents that mark the planning process, such as: PNE (National Education Plan), LDB (Law of Guidelines and Bases of Education), BNCC (National Curricular Common Base), to contribute to the foundation of this study. In the final result of this research, the teachers demonstrated several positive aspects about their practices related to planning and evaluation.

Key words: Planning. Evaluation. Teacher. teaching. Learning.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC – Base nacional Comum Curricular

PNE – Plano Nacional de Educação

MEC – Ministério da educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Você gosta de planejar?.....	36
Gráfico 2- Qual a frequência que você planeja suas aulas?	37
Gráfico 3- Os seus planejamentos estão ligados à avaliação?	38
Gráfico 4- Quais as principais dificuldades para planejar?.....	38
Gráfico 5- Quais instrumentos avaliativos são utilizados na sua prática pedagógica?.....	39
Gráfico 6- A escola procura dar sua parcela de contribuição no seu planejamento?.....	40
Gráfico 7- Você recorre ao plano anual para planejar suas aulas?	40
Gráfico 8- Você consegue alcançar seus objetivos diante do planejamento? ...	41
Gráfico 9- Avaliar é apenas depositar notas?.....	41
Gráfico 10- Para você existe diferença entre medir e avaliar?.....	42
Gráfico 11- Você concorda que todo aluno possui sua maneira e seu tempo de aprender?.....	43
Gráfico 12- Sobre a nova proposta de planejamento da BNCC, em que destaca as habilidades e competências no plano de aula, você é de acordo?.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Planejamento e avaliação educacional: trajetória histórica	14
2.2 Planejamento em discussão.....	19
2.3 Tipos de planos	20
2.4 Professores e as dificuldades para planejar	22
2.5 O planejamento escolar	25
2.6 Avaliação da aprendizagem na escola: instrumentos desviantes	26
2.7 A importância da eficiência, eficácia, descrever e definir o planejamento....	30
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	35
3.1 Tipo de pesquisa.....	33
3.2 Público alvo	33
3.3 Instrumentos de pesquisa.....	34
3.4 Análise dos dados.....	34
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES.....	49

1. INTRODUÇÃO

O referente trabalho tem como objetivo analisar a valor do planejamento e avaliação no âmbito educacional, destacando principalmente a prática docente por meio do planejamento e construir uma avaliação mais sólida aos alunos. O planejamento é inerente à vida do ser humano e quando se trata de planejamento educacional, podemos dizer que é indispensável aos educadores distanciar-se dessa prática. “O ato de planejar faz parte da história do ser humano” Como afirma Roman e Steyer (2001 apud MAIA; SCHEIBEL; URBAN, 2009, p.103). Nas escolas e especificamente nas salas de aula o planejamento estabelece um diferencial na prática pedagógica dos professores.

Essa discussão partiu de uma inquietação sobre os problemas envolvendo a prática de planejamento e avaliação que ainda prevalecem nas escolas e salas de aula, uma vez que, por meio dessa indagação incuti ao docente uma nova visão de planejamento e sua grande importância na vida educacional dos professores no processo educativo. Para Vasconcellos (1995 apud MAIA; SCHEIBEL; URBAN, 2009, p.103,104) Ao planejar sua ação educativa, o professor interfere de algum modo na realidade, pois acredita que esta pode ser mudada, e busca aquilo que deseja.

Muitos são os relatos de que estão cansados e não terem um esclarecimento básico da escola ou formação continuada, fazendo com que se desvirtuem dos objetivos da instituição. Outros ainda relatam a falta de tempo para cumprirem seus planos, também há aqueles que alegam não terem autonomia para planejar, e que infelizmente não conseguem atingir uma avaliação concreta e solúvel.

O primeiro tópico será percorrido sobre a trajetória histórica e surgimento do planejamento e avaliação na vida do homem, alicerçando a história do ser humano e suas buscas para obtenção de melhorias durante todo o percurso histórico, em que através do planejamento são traçado novas conquistas. No segundo tópico a discussão estará voltada para a arte de planejar, ferramenta esta imprescindível para o sucesso na vida do ser humano e na instituição educacional. O terceiro tópico trará os múltiplos formatos de planejamentos que subsidiarão novas ideias para os docentes entenderem o universo educacional que os cercam.

O Quarto tópico descreve as principais dificuldades que impedem o professor planejar, carregando o pensamento que é improdutivo à ideia de planejar e uso de metodologias repetidas que deixam o professor acomodado em sua prática. O tópico quinto vem assegurar o planejamento como base e as características importantes para alcançar bom êxito. O tópico sexto apresentará os instrumentos desviantes e inadequados no processo de avaliação e que, destoam dos objetivos desejados. No sétimo tópico, expõe algumas ferramentas responsáveis por um planejamento funcional de um caminho definível para a prática em sala de aula por meio da definição, descrição, eficiência, eficácia.

Através de pesquisas bibliográficas e um questionário aplicado aos professores dos anos iniciais da educação fundamental, é plausível que as descobertas de estudiosos diante dos questionamentos consolidem ideias e novo viés, para que o docente compreenda o papel do planejamento no espaço educacional. O ato de planejar e avaliar serão contextualizados dependentes um do outro, alimentando uma visão mais complexa do planejamento e seus pontos indispensáveis, até chegar a avaliação que sem dúvidas é o apurado das metas planejadas pelas instituições.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Planejamento e avaliação educacional: Trajetória Histórica

Se voltarmos nossos olhares para o significado da palavra planejamento, teremos diversos conceitos, entre eles podemos destacar como ato de prever, projetar, ou antecipar algo. O planejamento sempre esteve presente na vida dos seres humanos, desde outrora o homem sempre antecipou a sua mente metas a serem alcançadas no decorrer de sua vida. Compreendendo o aparecimento do planejamento na história do ser humano, podemos dizer que, desde o surgimento do homem no universo o mesmo começou a elaborar seus pensamentos para praticar futuras ações.

É certo que, o planejamento está profundamente ligado ao ser humano, sendo essa prática inerente ao ser racial. Já na antiguidade os homens das cavernas produziam seus objetos e também caçavam para se alimentar, contudo, planejavam suas tomadas de decisões para precaverem-se futuramente das intempéries, e com o passar do tempo esse processo foi tomando-se mais acelerado e usual na vida das pessoas, na qual os seres humanos gerenciavam suas atividades e grupos de trabalhos através do planejamento.

Fatos históricos datam o surgimento do planejamento de ensino no período pós-guerra, na qual muitos os governos procuravam maneiras de levantar-se economicamente, socialmente e politicamente. Com isso, entende-se que a partir dessas problemáticas o planejamento começou a acontecer dentro das indústrias para a organização de sua infraestrutura, desenvolvimento econômico e outros.

A eficiência do planejamento no âmbito educacional tem ganhado cada vez mais importância. Diante de pesquisas podemos salientar que o planejamento tem uma serventia no ensino, nos planos e na avaliação institucional. Enxergamos o planejamento e a avaliação como objetivos que funcionam em conjunto e que o professor se apropria das muitas ferramentas para obter seus resultados.

A educação torna-se investimento e ganha um maior destaque em 1964, embora sendo uma educação voltada aos setores agrícola e industrial e planejadas pelos teocratas, eram as necessidades econômicas que determinavam a educação. Segundo Veiga “O modelo político econômico tinha como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que busca acelerar o crescimento

sócio-econômico do país. A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários à incrementação do crescimento econômico e tecnológico da sociedade de acordo com a concepção economicista de educação” (VEIGA, 1989, p.34). Com muita resistência os professores relutaram à criação de um plano de ensino que viesse a ser um controle que ordenasse todo sistema de ensino.

Diante do percurso histórico, destaca-se a avaliação como atividades inerentes a períodos históricos antigos, usados para medir e adequar as pessoas aos trabalhos. Essa metodologia já era aplicada pelos Chineses por volta de 2.205 a. c, quando a cada três anos o imperador chinês “Shun” analisava seus oficiais tendo como propósito promover ou demiti-los. Nota-se que, antes da avaliação ser institucionalizada nas escolas teve a necessidade de manter o quadro apenas de homens capacitados, em que a avaliação era usada meramente para seleção social.

Avaliar é uma prática que está sempre interligada ao processo educacional e que, direciona os resultados e controla as decisões previstas pelos seres humanos. Outro dado e informação histórica importante a destacar, é lembrar que avaliação nasce na idade antiga com um papel relacionado ao desenvolvimento social. Historicamente no passar dos tempos veremos que a avaliação ganha formato educativo preocupando-se com as disciplinas ou partes do currículo a partir da desmonopolização da igreja.

Depois de caminhos longos percorridos, a educação vem se formatando no período do renascimento, eclodindo as primeiras escolas modernas, livros em acessos nas bibliotecas possibilitando então que os professores pudessem avaliar os alunos em seus desenvolvimentos dentro das regras previstas.

No Brasil, veremos os primeiros resquícios da presença da avaliação sinalizados pelos jesuítas, aonde a educação não era valorizada e levada a sério, pois sabemos que o objetivo era a catequização e instrução aos índios, e as metodologias utilizadas pelos jesuítas era o da repetição de forma decorada, assim destaca os estudiosos dessa época. Segundo Azevedo (1976) “a atuação jesuítica na colônia brasileira pode ser dividida em duas fases distintas: a primeira fase, considerando-se o primeiro século de atuação dos padres jesuítas, foi a de adaptação e construção de seu trabalho de catequese e conversão do índio aos costumes dos brancos; já a segunda

fase, o segundo século de atuação dos jesuítas, foi de grande desenvolvimento e extensão do sistema educacional implantado no primeiro período”.

Dentro de cada contexto histórico avaliar e planejar teve um papel significativo para proporcionar evolução nas ações educacionais e seus processos, cada qual com suas funções sendo desenvolvidas conforme a realidade e procurando resolver as dificuldades presentes no processo de ensino e aprendizagem.

Ao resgatarmos os primeiros passos do processo de avaliação e planejamento nas escolas brasileiras, teremos o modelo tradicional deixado pelos jesuítas que traziam o conhecimento como algo já pronto e terminado, faltando o senso crítico e apenas reproduzindo um plano que incansavelmente eram repetidos em sala de aula.

Não diferente os atos avaliativos eram compostos por práticas não produtoras, tendo como definição um processo rígido e também tradicionalista. Depois de alguns momentos históricos aparece no Brasil por meio de movimentos importantes o escolanovismo que vem desenvolver suas metodologias e promover o autodesenvolvimento das crianças, porém dispensava o plano e não abarcava as reais necessidades dos alunos.

Para acompanhar uma intenção mundial, o Brasil não agiu diferente de outros países nos momentos de desenvolvimento do planejamento que, pode ser destacado em dois grandes momentos, pós-segunda guerra mundial e na década de 1980 a 1990, com a crise econômica a propósito das sobrevivências das nações. Com efeito, a partir dessas necessidades ocorridas, as nações tiveram que superar o momento através do planejamento, adotando-o como meio eficaz contra a grande crise econômica.

Novas concepções de educação foram sendo espalhadas, advinda de movimentos populares mais conhecidas como tendências pedagógicas, cada qual caracterizava maneiras diferentes de auxiliar os professores no planejamento de ensino, sendo elas tradicionais, progressistas, autoritárias, críticas e outras, como também diversas formas de se envolver na sociedade mediante o sistema político das atividades educativas.

O planejamento foi ganhando forças por meio de uma tendência voltada para as empresas no gerenciamento de seu funcionamento interligado a administração dos recursos humanos, dessa forma essa prática estendeu-se a educação, causando-lhes também uma educação vista pelas pessoas como mercadoria.

Transcorrido fatos históricos que impulsionaram o planejamento e avaliação no Brasil, antes de tudo é importante destacar que estas duas ferramentas para serem exercidas no âmbito educacional estiveram e estarão sempre ligadas ao contexto histórico, político e econômico da sociedade vigente, formatando instrumentos auxiliares na prática do professor em seus diversos caracteres de aprendizagem.

O Planejamento não é algo que foi incentivado atualmente, mas que sua importância outrora era significativa para a constituição de um plano que viesse dar suporte ao desenvolvimento educacional brasileiro. No percurso dos anos foi possível projetarem diversos níveis e modalidades de planejamento educacional.

Salientamos o planejamento educacional em nível mais amplo motorizado pelos educadores no âmbito do ministério da educação e cultura - MEC, do Conselho Nacional de Educação-CNE, que atribuem aos municípios a elaboração de seus planejamentos educacionais, podendo ser elaborado com objetivos para médio e longo prazo, a fim de alcançar bons resultados nos diagnósticos educacionais do país e município.

O plano Nacional de Educação (BRASIL, 2000) aparece como ideia de surgimento na lei em 1988, esclarecendo que foram depois da primeira tentativa oficial em 1934. Em seguida, surgiu a ideia de conferir uma estabilidade de iniciativas governamentais eficaz na área da educação. A LDB nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, coloca nos artigos 9º e 87, que responsabiliza à União a elaboração do plano, conjuntamente em colaboração com os estados, o Distrito Federal e municípios.

Durante estas ações, em 2001 o congresso nacional aprova o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2000) sendo sancionada a Lei nº 10172, responsável pela aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) que delimita uma lei para durabilidade entre dez anos. Depois de alguns anos o Cenário educacional foi ampliando suas iniciativas, e na ação os envolvidos demarcaram novo apontamento para outra grande renovação de perspectivas, para organização da educação nacional e para formulação do plano nacional de educação 2011-2020 (BRASIL, 2000). Esse plano era composto por 12 artigos e anexos com 20 metas a serem alcançadas no âmbito educacional. Diante desse novo modelo de planejamento, cabe os Estados e Municípios terem a responsabilidade de elaborar suas metas e objetivos desencadeando um planejamento voltado para os projetos políticos pedagógicos e currículos que, dialogam com a realidade educacional de cada lugar e assim compondo um plano de desenvolvimento para a educação brasileira.

Diante dos modelos de planejamento e diferentes ideias para formatação de uma educação significativa e resultante, a evolução e propostas de novos modos de planejamento até os últimos anos vem sendo sistematizada dentro do sistema educacional brasileiro.

Recentemente foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com proposito de alcançar toda a educação básica brasileira. A BNCC (BRASIL, 2018) tem como objetivo difundir o futuro dos estudantes pautado nas expectativas de aprendizagem dos estudantes. Foi elaborado por diversos especialistas das diferentes áreas de conhecimento, contando indispensavelmente com o MEC em regime de colaboração e compromisso com a sociedade brasileira.

A BNCC (BRASIL, 2018) passa a ser um documento normativo que, determina o conjunto e caminhos de aprendizagens eficazes, na qual todos os alunos devem desenvolver durante o percurso educacional e etapas da educação básica, promovendo os direitos assegurados aos estudantes conforme prever o Plano Nacional de Educação (PNE).

O plano é proposto mediante as aprendizagens essenciais previstas na BNCC (2018) que, passam a garantir o desenvolvimento de dez competências gerais indicados para as três etapas da educação básica, dando aos estudantes o direito de aprender assim como reconhece a constituição de 1988 no artigo 205, ressalta a educação como direito fundamental que deve ser compartilhado entre Estado, família e sociedade.

Através deste plano de educação é destacável os conteúdos fundamentais para serem alargados durante a formação basilar dos alunos, respeitado os conhecimentos advindos dos valores culturais e artísticos em nível nacionais e regionais, sendo assim fixados nos conteúdos cotidianamente e nos planejamentos.

Veremos que a base nacional comum curricular (BRASIL, 2018) é um instrumento que vem orientar a elaboração do currículo especificamente de cada instituição educacional, sem desprender dos aspectos metodológicos, sociais e regionais de cada realidade. Podemos dizer que, as competências e as diretrizes são comuns, mas os currículos são diversos seguindo cada estabelecimento escolar exigido por suas próprias características.

Reflete aos professores uma nova prática mediante as noções fundantes do modelo de planejamento previsto pela BNCC (BRASIL, 2018), responsabilizando os professores que estão atuando em sala de aula, apropriar-se desse novo caminho e

método de planejamento para a utilização na prática de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Os objetivos de aprendizagens traçados pela BNCC (BRASIL,2018), são definidos como competências e habilidades, passando a ser um caminho para alcançar o planejamento através de estratégias pedagógicas mais adequadas aos determinados currículos das instituições.

2.2 O planejamento em discussão

A Arte de planejar está presente na sociedade por meio das preocupações e necessidades dos indivíduos e que, pode ser articulado mediante diversas possibilidades que atentem aos resultados futuros quanto ao desenvolvimento educacional. A sua trajetória deve trazer objetividade conforme a realidade, coerência entre as ideias e a flexibilidade. O planejamento educacional estará sempre a favor da flexibilização, de acordo com as situações de mudanças que venham a acontecer e possa ser adaptável podendo sempre se fazer necessário às alterações não só da parte do professor, mas dos alunos favorecendo a melhoria de ambos.

Para definição de planejamento, contribui Menegolla e Sant'Anna (2011, p.40):

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação.

Quando citamos o planejamento escolar como ferramenta indispensável no processo educacional, é de extrema importância destacar que esta é tida como uma ação coletiva, sendo responsáveis os diversos segmentos que envolvem professores, alunos, funcionários administradores e também a comunidade. Devem coletivamente discutir e decidir os caminhos a serem tomados tornando a escola participativa e democrática.

Para a eficácia do planejamento é importante trazer a contribuição de Libâneo (2001) em destacar que “O planejamento é um processo contínuo de conhecimento e análise da realidade escolar em suas condições concretas, busca de alternativas para soluções de problemas e de tomada de decisões” (2001, p.84).

De frente a realidade que vivemos e seus problemas difíceis nos dias atuais, recai sobre nós uma necessidade ardente de planejar. Não diferente da vida, a escola

depreca dos seus componentes um planejamento educacional que venha a ser sólido e proporcione aos educandos uma prática educativa que solucione as expectativas de aprendizagem.

Ao contrário do esperado, em alguns casos o planejamento tem sido explorado de maneira errônea, onde na prática os professores se distanciam cada vez mais do planejamento esperado e dentro das expectativas formais, com efeito, não apresentam aos seus superiores seus objetivos traçados, conteúdos e estratégias de avaliação a serem utilizadas no ensino.

Diante da realidade exemplificada, devem então os professores reconhecer o seu papel de formadores e tornem-se conscientes de suas atividades, podendo buscar meios para mudar tal realidade, pois o planejamento não é algo que é pensado momentaneamente e ali é olvidado, mas ao contrário disso, é algo articulado que potencializa os caminhos a serem alcançados entrelaçados a um processo contínuo.

Como supramencionado, o planejamento é visto como previsão e decisão sobre algo ou alguma coisa ao qual pretendemos fazer realizável. Dessa forma, há um cuidado em analisar cada condição a fim de examinar se o que desejamos alcançar será atingido em geral pelos alunos.

2.3 Tipos de planos

De acordo com o objetivo desse trabalho, é essencial destacar os principais Tipos de planejamento que qualquer docente deve compreender para contribuir no desenvolvimento global da instituição que está inserido:

Planejamento escolar: O planejamento escolar traz a previsão das atividades que serão desenvolvidas didaticamente na organização sobre os objetivos previstos referentes à sua pauta de revisão e readequação, ela acontece no processo de ensino. Conforme Libâneo (2013, p.255) “O plano de escola é o plano pedagógico e administrativo da unidade escolar”. O momento de planejamento faz uma chamada ao professor a pesquisar meios para programar suas ações, e que para obtenção de bons resultados, deve sua reflexão está coligada à avaliação.

Nesse processo de planejamento é oportuno destacar as três dimensões que tornam o processo de planejar concreto em seu funcionamento, sendo eles: a realidade, a finalidade e plano de ação, cada qual com sua função contribuinte indispensável para alcançar os objetivos do planejamento.

Mediante pesquisas, teremos vários níveis de planejamentos que se complementam, se interligam formando o plano de currículo da escola: Planejamento de um sistema educacional, planejamento de currículo e planejamento didático e de ensino.

Planejamento educacional: O planejamento educacional envolve as decisões sobre a educação do desenvolvimento geral do país. A sua elaboração recobram objetivos mais longos e que determinem a política da educação. Esse plano é feito pelo Governo Federal, por meio do Plano Nacional de Educação e da legislação vigente. Por meio deste planejamento é que conseguimos definir as formas de atuar e somar os custos que precisam para realizar os objetivos previstos e aprimorá-lo ao sistema educacional.

Planejamento Curricular: O planejamento curricular da escola não deve se deter apenas aos planos oficiais, ou seja, ao educacional e escolar, contudo cabe à escola determinar seus objetivos a partir da realidade social em que a escola está inserida. A escola procurará adequar os conteúdos cobrados às realidades reais do público que é o alunado, somando as experiências da comunidade daquelas famílias que contribuirão para alcançar os objetivos.

Planejamento de ensino: Este planejamento traz em sua essência um plano organizado de unidades temáticas para serem desenvolvidas durante um ano ou semestre. Sendo um planejamento mais usual aos docentes, é preciso um olhar sensível para sua elaboração seguindo cada elemento cobrado. Tais elementos são: justificativa da disciplina; conteúdos; objetivos específicos; metodologia e avaliação.

Quanto aos elementos citados, o trabalho docente terá previsões necessárias à prática do professor e que evitará imprevistos no percurso, trazendo juntamente aos elementos diversos referenciais que enalteçam a praticidade pedagógica dos professores.

Dentro do planejamento didático ou de ensino podemos definir em três tipos: Planejamento de curso, planejamento de unidade e planejamento de aula, cada qual compondo seu papel importante no processo educacional.

O plano de curso é um breve modelo do que será desenvolvido e das atividades previstas a realizar-se em uma classe em determinado período de tempo, normalmente durante um ano ou semestre. O plano de curso tem como objetivo apanhar dados referentes às condições dos alunos. É desenvolvido um teste de sondagem inicial que possa definir cada objetivo, indicando os conteúdos,

estabelecendo as atividades adequadas aos objetivos selecionados e as formas de avaliação a serem desenvolvidas.

O plano da unidade: Desenvolve-se aqui o plano de unidade atinente aos assuntos da disciplina que de forma geral são desenvolvidos durante algumas ou uma aula. Ao planejar cada unidade de ensino, o professor deve seguir as etapas de apresentação em que deve estimular os interesses dos alunos ao tema da unidade. No desenvolvimento cabe ao professor organizar condições de ensino para estimular a participação efetiva do alunado em colocar a prova os conhecimentos e habilidades. E por último a Integração que é a parte em que o aluno mostrará tudo que aprendeu através de seu desenvolvimento em forma de síntese.

O plano de aula: Segundo Vasconcellos (2000, p.96): “[...] é planejamento mais próximo da prática do professor e da sala de aula, diz respeito mais restritamente ao aspecto didático”. Para o plano de aula é importante que o professor faça um teste de sondagem sobre o que os alunos já trazem como conhecimento prévio, e que este plano pode variar dependendo das características dos alunos, suas possibilidades, necessidades e interesses.

Veremos então aqui uma sequência articulada que mostre e traga a apresentação dos objetivos, conteúdos, tarefas, exercícios e outros. Cabe ao professor planejar a aula dentro de um plano que abrace os conteúdos a serem desenvolvidos, seja durante há uma semana ou uma aula. Os alunos construirão os conhecimentos e habilidades cognitivas que preparem a organização e didática no processo de ensino. Sobre os conteúdos, devem ser selecionados e precisam estar relacionados com os objetivos definidos no plano, levantando sempre novas hipóteses para serem trabalhados em sala de aula. Entenderemos que o plano de ensino carrega uma responsabilidade única e que acarretará resultados aos objetivos traçados pelos docentes. O plano é visto como um grande diferencial na lida educacional do professor, e este profissional cabem está atento às mudanças que ocorrem no cenário processual da educação.

2.4 Professores e as dificuldades para planejar

Muitos professores ainda carregam consigo a ideia de que não adiantam planejar, outros não planejam suas aulas, apenas fazem o plano. Esse problema pode ser um apontamento para um dos maiores erros que compõem os resultados obtidos

no final do ano. Se observarmos detalhadamente veremos que, com essas ideias citadas acima não haverá relação alguma entre o aprendizado e o planejamento, tornando-o apenas um mero inscrito, ou melhor, preenchimento de papéis que muitas das vezes nem são usados.

Embora o professor tenha preso a si esta ideia de não produção, o planejamento facilita a aula que o professor desenvolverá aos alunos, sabendo-se que o mesmo traz segurança e passa a ser um suporte daquilo que o professor deseja alcançar. Conforme diz Lück (2008, apud LUCJ, 2009, p.33). “Planos nas gavetas e que não são cotidianamente consultados para orientação das ações a serem realizadas e para monitoramento e avaliação das já realizadas, têm valor meramente formal”. Com essa reflexão, tem alguns professores que somente escrevem o plano e não traça o plano de aula, outros ainda pensam que o planejamento é um documento que deve ser escrito para cumprir o ato burocrático.

Diferente disso, o professor que planeja suas aulas, tem o conhecimento de saber agir e fazer acontecer mediante a realidade pedagógica que os cercam, procuram objetivos acessíveis àquelas aulas, conteúdos programados e compreendem o tempo que as atividades serão desenvolvidas. Para isso, o professor deve conhecer sua turma planejando conforme a realidade em que se encontram os alunos, e acima de tudo tendo ciência de que o plano pode sofrer alterações em sua aplicação e algumas adaptações para atenderem as reais necessidades, composto por uma flexibilização.

O plano passa ser flexível mediante as eventualidades de cada turma. Muitos professores sentem dificuldades para trilhar alterações nas etapas do planejamento como esta da flexibilidade do plano, e quando se deparam com algo desse tipo, e que não fora pensado ou planejado, o professor acaba perdendo a direção da aula.

Nos âmbitos educacionais encontraremos inúmeros profissionais que discordam da usabilidade do planejamento, pois de certa forma eles se auto afirmam como já experientes e consideram o planejamento como uma pratica exclusivamente para aqueles que estão iniciando sua carreira, e também para aqueles que estão aprendendo a ter domínio de sala e conteúdos a serem dados aos alunos. Essas atitudes praticadas pelos professores, em muitos dos casos atrapalham o andamento da instituição, destoa do previsto pelo coordenador pedagógico da escola e demais corpo docente que compõe o espaço escolar.

Os professores devem perceber que o planejamento é totalmente utilitário na sua prática pedagógica. O plano não deixará que aquele professor passe por consultas diárias aos cadernos dos alunos para se situarem onde estão e o que irão fazer, sendo esse o resultado do professor que não planeja e improvisa sua aula tentando ludibriar os alunos.

Assim, Vasconcellos (2006) afirma que:

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada é agir de acordo com o previsto; é buscar algo incrível, essencialmente humano: o real comandado pelo ideal. Percebemos assim que o planejamento só tem sentido se o sujeito coloca se numa perspectiva de mudança.

Outro problema insistente é o relato dos professores que estão em atuação em sua profissão na sala de aula há muito tempo, mas costumam sempre a utilizar as mesmas metodologias, para então facilitar o seu trabalho e tudo já esteja pronto por àquele momento. A falta de conhecimento dos objetivos que serão trabalhados em sala de aula afastam assim os resultados necessários do planejamento, porque de certo modo a metodologia que alcançou resultados para determinada turma não significa dizer que terá o mesmo efeito para outras. As realidades serão distantes, todas com seus níveis de experiências trazidas pelos alunos com diferentes visões e facilidades de aprender.

No processo de elaboração do planejamento, são muitas as dificuldades que impedem o ato de planejar. Segundo relatos de professores eles ressaltam a carga horária excedente em que são condicionados a cumprir, tonando-se desmotivador a ação de planejar, pois também não há valorização salarial que venha assegurar sua carreira.

Trago como base o Art.67 da LDB, que trata justamente da valorização dos profissionais no que se refere ao plano de carreira do magistério e que passam a ter um apoio significativo para o período de planejamento e avaliação. Com isso, prevalece a existência de uma grande diferença do papel para a prática, onde os professores cobram mais assistência efetiva das leis.

Não só no âmbito educacional o homem precisa reavaliar e refletir sua ação pedagógica de planejar para conviver em sociedade, outrossim o planejamento prepara o ser humano para uma organização impecável no que ele faz e sempre o eleva a um degrau profissional mais elevado, sempre satisfazendo as suas metas planejadas.

2.5 O planejamento escolar

Para planejar o professor não pode deixar de lado situações fundamentais para a elaboração do plano, como as ações que deverão ser desenvolvidas e oriente o percurso da prática pedagógica em sala de aula. As metas que preconizamos para serem cumpridas dentro daquele determinado espaço de tempo estarão de acordo com uma atitude de objetividade, a qual é imprescindível para levar os alunos ao seu aprendizado.

Feito o planejamento, cabe ao docente não tê-lo como singular, tendo em mente que a qualquer momento será aplicado para outros públicos de pessoas com diferentes realidades, culturas e seguimentos de ideias que formatarão novas metas e fins a serem galgados.

A partir da busca incessante do docente em procurar novos meios para planejar e está sempre em formação, faz com que bons resultados sejam alcançados. É importante que os profissionais permaneçam em busca de novos conhecimentos de outras disciplinas que não sejam apenas específicas da sua área, mas que venha somar as demais que outrora o professor já traz em seu currículo de experiência.

Diante do universo proposto para o docente explorar os conhecimentos dos alunos, é de suma importância que o professor estimule as aulas como bem afirma Libâneo (1994) ao falar que a aula é:

O conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos (p.177).

As tomadas de decisões que tornam o planejamento do professor mais sofisticado em sua prática consegue promover a escola ao sucesso e favorece a aprendizagem dos alunos de maneira eficaz, influenciando diretamente nas atitudes dos alunos, e tornando as atividades do planejamento mais plausíveis e respeitadas.

O professor não pode ser o dono do seu planejamento, pois na prática veremos avaliadores consistentes que percebem atitudes de autoridade da parte do professor tonando-se uma aula chata e repetida, já que não se consegue atrair a participação do aluno, ele mesmo se torna um instrumento que avalia negativamente e cada vez mais se distancia de bons resultados.

Uma aula bem planejada consegue atenuar o problema de evasão nas escolas, porque quando os alunos conseguem perceber que a aula está provocando meios de aprendizagem para sua vida, eles se sentem determinados e em casa para fazer o dever como lhes é fundamental.

O processo de avaliar também será primordial para concluir a prática do planejamento com excelência, visto que todos os caminhos levam a avaliação da aprendizagem dos alunos, sendo atribuído ao professor determinar os instrumentos de avaliação procurando variá-los para atrair de forma lúdica a atenção dos alunos, evitando assim acontecimentos de evasão.

Luckesi (2002, p.66), confirma que :

[...] uma avaliação escolar conduzida de forma inadequada pode possibilitar a repetência e esta tem consequência na evasão. Por isso, uma avaliação escolar realizada com desvios pode estar contribuindo significativamente para um processo que inviabiliza a democratização do ensino (p.66)

A evasão escolar aparecerá aqui como dependente de um bom planejamento, em que a desistência numerosa de alunos que frequentam as instituições de ensino regular continua a crescer. De fato, grandes experiências comprovam que através do planejamento criativo e diferenciado, promove a atenção do aluno no qual em muitos dos casos estão passando por momentos de dificuldades envoltos a sofrimentos familiares ou pessoais, porém ao chegarem à sala de aula, conseguem ser convidados por meio da aula e especificamente pelo plano do professor que utiliza diversos recursos para que sua aula se torne atrativa e explore do alunado vários conhecimentos.

A relação efetiva do planejamento com a turma promoverá um diálogo favorável entre o aluno e professor, e conseqüentemente ajudará numa excelente avaliação. É por meio dessas atuações que todas as etapas do plano de cada professor chagarão as metas previstas, e conseqüente avaliadas com excelentes resultados.

2.6 Avaliação da aprendizagem na escola: Instrumentos desviantes

Detalhando a nossa conversa, nos depararemos com a avaliação da aprendizagem as quais os professores utilizam como instrumentos para coletar os conhecimentos estudados pelos alunos durante as aulas em sala de aula. Encontramos aqui as formas de avaliação que não são adequadas e

insatisfatoriamente mal elaboradas, comprometendo negativamente o desempenho do educador podendo desviar os conteúdos da realidade do aluno.

Muitos dos instrumentos de avaliação usados pelos professores são inadequados, sendo mal elaborados eles podem se reproduzirem por aqueles que estão entrando no campo educacional e também obtendo suas primeiras experiências, assim os erros não corrigidos passam a ser multiplicados causando péssimos resultados à aprendizagem dos alunos.

Sobre o significado de avaliação, Segundo Luckesi (2011) diz predominar hoje nas escolas uma prática distorcida do que seja realmente uma avaliação:

Hoje na escola brasileira - pública ou particular, de ensino fundamental, médio ou superior - praticamos predominantemente exames escolares, em vez de avaliação; todavia, de forma inadequada, usamos o termo avaliação para denominar essa prática (p.180).

Ao construir os instrumentos de avaliação, podemos notar o quanto os professores desviam de uma autêntica avaliação da aprendizagem. Em muitos relatos é notável que os professores não investiguem a realidade do conhecimento adquirido pelos alunos diante das aulas, mas acontece que as avaliações apenas refletem notas que destoam do quanto o aluno conseguiu assimilar o conhecimento e que, a coleta de dados que deveriam realmente ser coletada torna-se esquecido pelos docentes.

Nas experiências em sala de aula, encontramos professores que ao realizar suas atividades de avaliação conseguem transparecer distantes dos conteúdos ensinados no percurso das aulas, e em muitos casos cobra dos alunos o complexo que não foi visto, empregando nas avaliações conteúdos secundários.

Segundo Matui (1995) traz um alerta para a prática assertiva de avaliação em que:

[...] um diagnóstico pelo qual o professor irá detectar níveis de aprendizagem atingidos pelos alunos e decidir o que precisa ser feito para atingir a qualidade ideal mínima necessária. O professor só passará para um conteúdo novo quando os alunos atingirem esse patamar (p. 230).

Dessa forma, o desvio de conteúdo causa uma ausência muito grande de sistematicidade, onde os professores não buscam viés adequado para cada finalidade avaliativa ao qual se deseja inferir. Sabemos que os conteúdos a serem avaliados são os que compõem o plano de ensino, por isso deve o professor ter noção dos conteúdos essenciais ensinados no decorrer de suas aulas, e cobrar o que fora anteriormente dado em conteúdos escolares.

A mistura de conteúdos torna o aluno fadado ao fracasso, pois os instrumentos construídos dessa forma não possibilitam se quer uma elaboração da realidade em que o mesmo está situado, fugindo dos temas trabalhados expressam uma falta horrenda de sistematicidade e, por consequência esse tipo de instrumento de avaliação servirá sempre para reprovar o aluno.

Podemos dizer que o um instrumento que compete e caracteriza sistematicidade na elaboração da avaliação é, quando o docente preocupa-se em tornar compatível sua avaliação com o currículo da escola e o plano de ensino ,ou melhor, o que verdadeiramente foi ensinado e que corresponderá a um efetivo aprendizado.

Para embasamento da avaliação dentro do processo educativo Gatti (2009) destaca:

A Avaliação Educacional, hoje, é um campo de estudos com teorias, processos e métodos específicos, mas também, um campo abrangente que comporta sub-áreas, com características diferentes, por exemplo, avaliação de sistemas educacionais, avaliação de desempenho escolar em nível de sala de aula, avaliação institucional, avaliação de programas, auto avaliação (p.8).

O professor deve ser criativo em suas formas de avaliação, pois em muitos casos há metodologias usuais que quando cobradas aos alunos situações problemas, estas simplesmente não estão relacionadas à linguagem dos alunos, cobrando-se coisas aleatórias.

Contribui Hoffmann (2005, p.45) sobre essa comprometimento do professor:

[...] investigar e acompanhar o processo de aprendizagem do aluno no seu cotidiano, contínua e gradativamente, buscando, não só compreender e participar da caminhada do aluno, mas também intervir, fazendo provocações intelectuais significativas, em termos de oportunidades de expressão de suas ideias, várias tarefas de aprendizagem, explicações, sugestões de leituras e outros encaminhamentos pedagógicos.

Nesse caso, a avaliação passará ser formativa quando o professor se permitir propor modificações, adaptações e ajustes em seus métodos, promovendo uma avaliação contínua, sistemática e em constância com o planejamento. Ao construir sua metodologia de avaliação, a responsabilidade do docente é conduzir os estudantes ao aprendizado e que no mínimo tenha em mente que existem muitos fatores, sejam genético, socioeconômicos ou culturais que farão o professor enxergar sua turma além da escola.

A ausência de sistematicidade é um ponto que precisa ser discutido na pauta das escolas, todavia estas conseguem na prática destoar os conteúdos da realidade do aluno, havendo discrepância no sistema de testes avaliativos propostos pelos professores.

Para esclarecer melhor a definição de avaliação, Sant'Anna (1995, p.7) diz que:

A avaliação escolar é o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é a alma do processo educacional.

Partindo de uma questão mais afunilada das questões elaboradas pelos professores para aplicação dos testes, consegue-se notar que a qualidade das questões existe falta de clareza nas perguntas formuladas para os alunos e em muitos casos servem para confundi-los em suas respostas. O desequilíbrio na formulação das perguntas causam construções de erros ao serem solicitadas e afastam dos propósitos avaliativos do diagnóstico do aluno

As perguntas feitas de forma indireta normalmente impedem os alunos a não associarem às experiências construídas nas aulas e acabam reagindo de forma insatisfatória, sendo assim, a pergunta traz em seu objetivo ser elaborada conforme o conteúdo foi ensinado e não de forma complexa para que, seja detectada diretamente a aprendizagem do aluno.

Adentrando a prática pedagógica dos professores especificamente seus caminhos e formas de avaliar, podemos notar uma predominância no tipo de avaliação somativa.

Conforme Diniz (1982, p.9):

[...] avaliação somativa não tem a propriedade de verificar as falhas do ensino-aprendizagem no momento em que elas estão ocorrendo. Também não poderá corrigir tais falhas, uma vez que o resultado só se verifica ao final do processo, quando o curso já tiver terminado.

Podemos dizer que ao utilizar unicamente essa prática o professor estará avaliando apenas como instrumento de aprovação ou reprovação, e conseqüentemente classificando os alunos em seus níveis de aproveitamento.

Essa situação de avaliar o aluno é exemplar de várias instituições educacionais espalhadas pelo Brasil a fora, nesse caso quanto mais o educador depositar sua

contribuição de forma incorreta o estudante reproduzirá os erros e não haverá uma prova de que certamente os conteúdos solicitados foram compreendidos.

Ao trazer alguns desvios já acostumados pelos professores, acima de tudo devem rever possíveis mudanças para que não permaneçam no erro, isto é, possam começar a refazer suas avaliações, de modo que, é preciso uma intervenção positiva para que possam atingir as metas desejadas por todos aqueles que lidam como construtores de conhecimentos.

Segundo o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais, Art.23:

[...] a avaliação do aluno, a ser realizada pelo professor e pela escola, é redimensionadora da ação pedagógica e deve assumir um caráter processual, formativo e participativo, ser contínua, cumulativa e diagnóstica (BRASIL, 2013, p. 123).

Pretendemos que avaliação seja um instrumento capaz de identificar, analisar as modificações e rendimentos dos alunos que vem acontecendo durante as aulas. É fundamental que possam surgir examinadores de práticas que sistematize os conteúdos a serem cobrados. Cabe ao professor aguçar sua sensibilidade ao observar quais instrumentos estão sendo utilitários em resultados e quais deixam a desejar no ato de avaliar seus alunos de forma direta e simples.

2.7 A importância da eficiência, eficácia, descrever e definir o planejamento

Quando pensamos em planejamento, uma das principais coisas que vem a mente é a eficiência, esta palavra traz em si a finalidade do planejamento na qual os resultados executados no plano se resumem em ação. Para melhor compreendermos, todas as ações do ser humano tendem ao sucesso quando são seguidas de forma eficiente, atingindo então as metas planejadas por tais.

Quando elaboramos um plano, pretendemos que ele seja bem sucedido e que siga cada passo antevisto para a sua execução. Dentro do processo de planejamento as tarefas serão realizadas com perfeição mediante o esforço dos autores que são os docentes, em considerar as expectativas do tempo previsto.

Juntamente com a eficiência encontraremos no planejamento a eficácia, sendo um contribuinte forte para atingir o alvo escolhido, ou seja, procura sempre alcançar aquilo que verdadeiramente importa desenvolver no plano, pois são sem dúvidas,

almejadas para devidos fins. Trocando em miúdos, é necessário que se cumpra ao plano o que é determinante e condizente com o elaborado pelos professores.

Ao refletir sobre o ato de planejar, evidentemente imaginaremos burocraticamente um seguimento completo pela participação, democracia e liberdade para elaboração, tendo papel fundante na vida dos seres humanos tonando-se definitivamente um método educativo.

Ao descrevermos os seres e objetos ao nosso redor, essa ideia ajuda-nos a definir e esclarecer os aspectos importantes para o reconhecimento. A descrição no planejamento é algo que focalizam diversas referencias para serem seguidas nas atividades.

No cotidiano escolar o professor é chamando a definir sua ação para compreender os pontos que devem ser seguidos no plano, como descobrir os pontos importantes que abrangem a todos os alunos e assim tirar enorme proveito e auxilio para compreensão da ação.

Através da descrição propõem-se perguntas fundamentais diante do planejamento. Entre elas destacam-se cotidianamente as perguntas como: o que queremos alcançar? Quais distâncias estão referentes àquilo que objetivamos alcançar? E, o que fazer num limite determinado para de forma concreta atenuar essa distância?

O esforço do professor buscará respostas para as questões referenciadas acima, sendo indispensáveis no ato de planejar podendo ser um divisor de águas no que se refere em obter grandes resultados ou não.

Dentro da discussão lembra-se que, os planos comumente elaborados pelos professores buscam sempre trazer as perguntas já respondidas e que não aguçam o pensamento às idealizações dos mesmos. Deve o professor atentar-se a finalidade da sua turma tendo em vista as diferentes realidades e não meramente um fazedor de repetidos planos que não conseguem abarcar as necessidades de aprendizagens dos alunos presentes na sala.

É Proposto ao professor esmiuçar e desfrutar desafios no planejamento para compreender onde ele está e qual o tamanho da distância ainda lhe afasta da meta prevista. Teremos a intenção de perguntar se estamos próximo ou distante do que queremos alcançar, será que nós professores que estamos lidando cotidianamente com diferentes desafios estamos realmente contribuindo para chegar ao esperado e fazer as coisas acontecerem? Em resposta, trarei a programação como um

seguimento e modelo para compreender o planejamento e suas intenções a serem conseguidas.

O planejamento se tornará uma realidade diferenciada quando estiver numa direção bem escolhida e conseqüentemente à organização colherá frutos da própria ação dos indivíduos. Quando se propõe um processo formativo e de intervenção, o planejamento realizará o que é importante para sintonizar o planejado. Para obtermos uma idealização exemplar diante do planejamento e uma avaliação formativa, é preciso ter consciência de que ao elaborar e executa-lo é um caminho que só chega ao termino após o aspecto indispensável da avaliação.

Contribui Hadji (2001, p.20) sobre a avaliação formativa:

Uma avaliação formativa informa os dois principais atores do processo. O professor, que será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico, poderá regular sua ação a partir disso. O aluno, que não somente saberá onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros.

O professor ao elaborar o planejamento em diálogo com a realidade do alunado estará promovendo uma aprendizagem expressiva, em que mostrará facilmente as dificuldades apresentadas pelos alunos e através desta prática redirecionar novas tomadas de decisões em seu planejamento.

Ao seguirmos um programa de objetivos, os quais percorridos para chegar a determinados fins, conseguiremos definir o tempo necessário para estabelecer o ideal a ser feito em cada período do planejamento, contribuindo para o efeito final e operando em conformidade com o que foi sugerido. Por fim, avaliar e revisar cada uma das ações desenvolvidas no plano constitui um instrumento de grande valor no funcionamento educacional.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa abordada tem natureza descritiva sendo uma pesquisa de campo e, subsequente mostrará ideias de autores para embasar cada seguimento deste trabalho. Havendo a necessidade para melhor edificar e assegurar a sequencia de ideias, foi aplicado um questionário aos professores que atuam no ensino fundamental nas instituições públicas, voltado aos procedimentos, observação direta e obtenção das inquietações cotidianas sobre o planejamento e a avaliação educacional. Foram indagadas diversas perguntas objetivas para entender a mobilização, participação e compromisso efetivo no planejamento, e quais caminhos os educadores estão trilhando para impetrarem resultados significativos em suas avaliações que, estão interligados ao processo de planejamento cotidiano nas salas de aula.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa apresentada permite uma visão quantitativo-qualitativa dos dados apurados de um questionário aplicado aos professores que compõem o ensino fundamental de instituições públicas.

É essencial a contribuição de Richardson (1999) diz que, “pesquisa quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”.

Tendo em vista esse tipo de pesquisa, foi aplicado um questionário trazendo como escopo principal à prática de planejamento e avaliação dos educadores no processo formativo dos alunos e que, através das experiências dos docentes interrogados permitiram localizar os erros e acertos que levam as instituições as falácias de que planejar não está entrelaçada a avaliação e apenas é um ato burocrático a ser seguido, Contudo, sendo uma prática conducente ao procedimento pedagógico educacional.

3.2 Público alvo

A pesquisa teve como meta principal questionar os professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental em duas instituições na cidade de Passa e Fica/RN. Parte daí as principais dúvidas de como o planejamento e a avaliação estão

sendo programados e as dificuldades que ainda imperam nas instituições e impedem evoluções significativas na aprendizagem dos alunos.

3.3 Instrumentos de pesquisa

O instrumento de pesquisa foi elaborado em formato de questionário composto por doze perguntas (Apêndice 1), as quais foram organizadas e referenciadas voltadas ao cotidiano escolar, dentro das perspectivas que gravitam o processo de planejamento e conseguinte a avaliação. As perguntas aguçaram os professores a responderem sua frequência de planejamento, se o mesmo está ligado com a avaliação, às dificuldades que os impedem de planejar, os instrumentos avaliativos utilizados nas avaliações, quais contribuições às instituições depositam, e também aspectos referentes aos objetivos que conseguem alcançar e se recorrem ao plano anual. Por fim, entendermos qual distancia o docente ainda se encontra em colocar de fato o seu planejamento em prática.

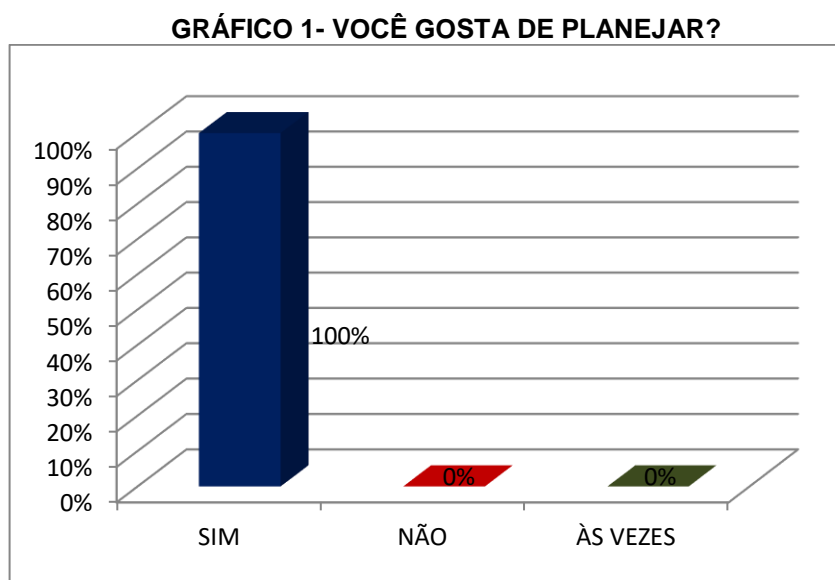
3.4 Análise dos dados

Foi realizado um questionário dialogado com a temática desse trabalho, o mesmo contou com a elaboração de doze questões embasando as principais dificuldades e caminhos que envolvem o planejamento e avaliação em sala de aula. Subsequente fora aplicado aos professores de duas instituições educacionais de ensino fundamental I, para aquisição de respostas referentes à realidade atual do ato de planejar e avaliar. Os estudos propuseram o alcance dos objetivos através da pesquisa e a aplicação do questionário, exibindo um panorama das questões de interesse aos docentes, mostrando uma nova ótica para um procedimento ativo e aplicável no ato de planejar e avaliar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

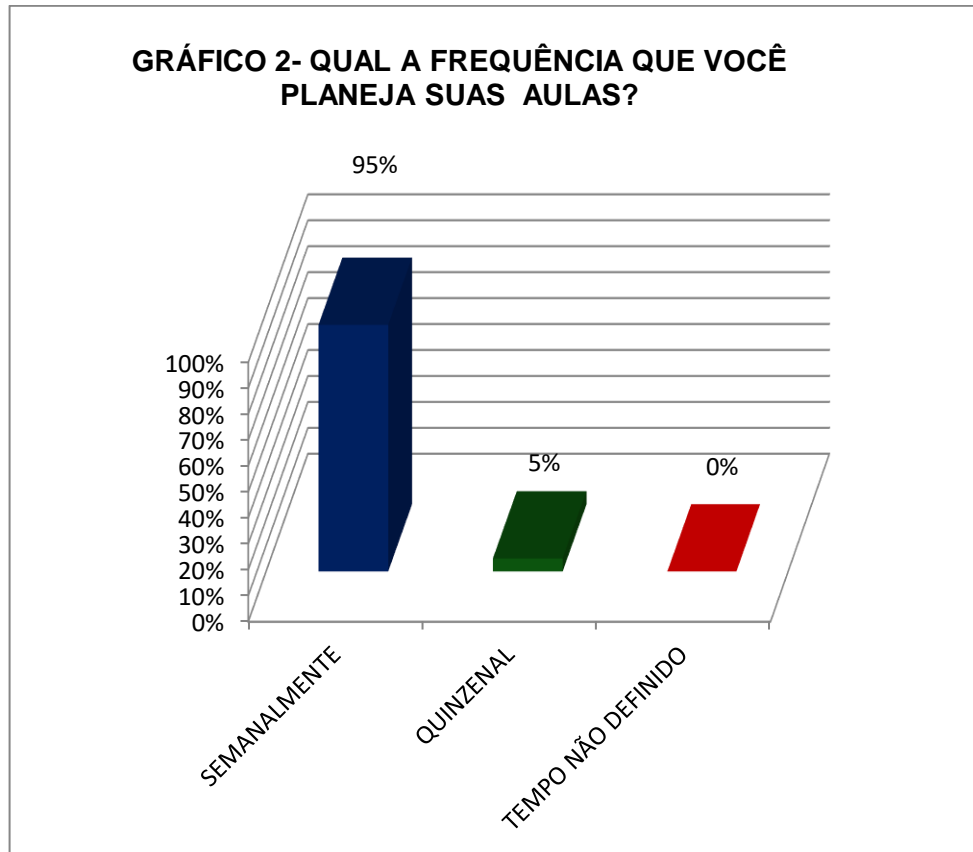
Posteriormente à aplicação do questionário direcionado a uma amostra de vinte professores, distribuídos nas séries iniciais do ensino fundamental de duas escolas públicas localizadas na cidade de Passa e Fica/RN, foram coletados os resultados segundo a opinião dos docentes, que indubitavelmente refletem a prática cotidianamente atinente ao planejamento e avaliação de tais.

As perguntas questionadas, eram compostas por questões objetivas e, em sua maioria traziam opções de respostas como: “sim, não ou às vezes”. Nas perguntas mais complexas referentes à frequência a qual o professor planeja as principais dificuldades para planejar e sobre os instrumentos avaliativos utilizados na prática pedagógica do professor, alargam-se as opções contendo a sugestão nomeada como “outros”, em que na oportunidade os professores pudessem sentir-se livres para responder todo questionário sem restrições às suas opiniões.



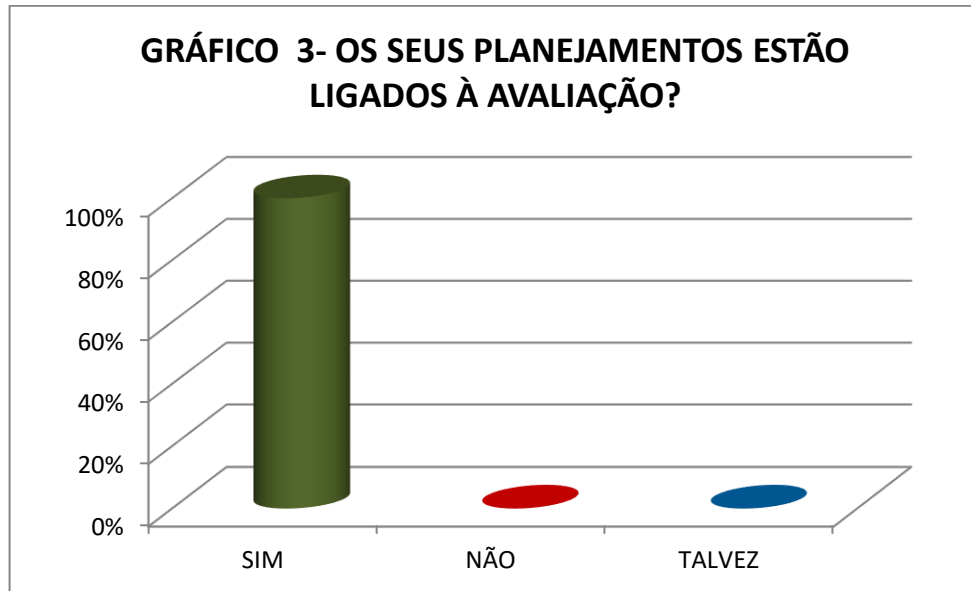
Fonte: Silva, 2019.

Conforme o Gráfico 1, 100% dos professores responderam que gostam de planejar. É louvável dizer que os professores estão no caminho certo e, embora os mesmos estejam inclusos as dificuldades educacionais, não se intimidam ao ato de planejar.



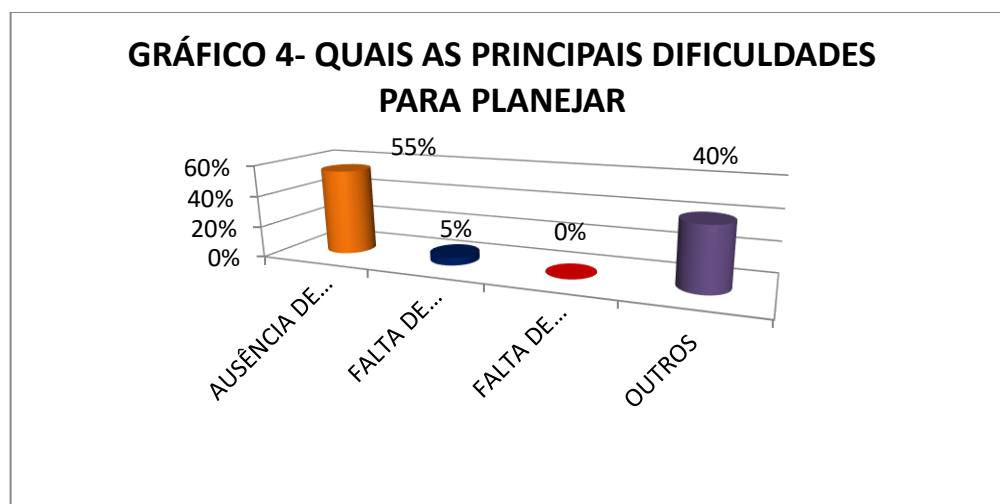
FONTE: SILVA, 2019.

Segundo o resultado do Gráfico 2, 95 % dos professores questionados planejam semanalmente, com isso podemos ver que existe um esforço visível dos professores na frequência do planejamento e apenas 5% optaram por planejar quinzenal, ou seja, num espaço de tempo mais longo. É essencial que o professor tenha um tempo determinado para planejar ,ao contrário pode dificultar a sequência das aulas ,seguir no improviso e conseqüentemente obter péssimos resultados.



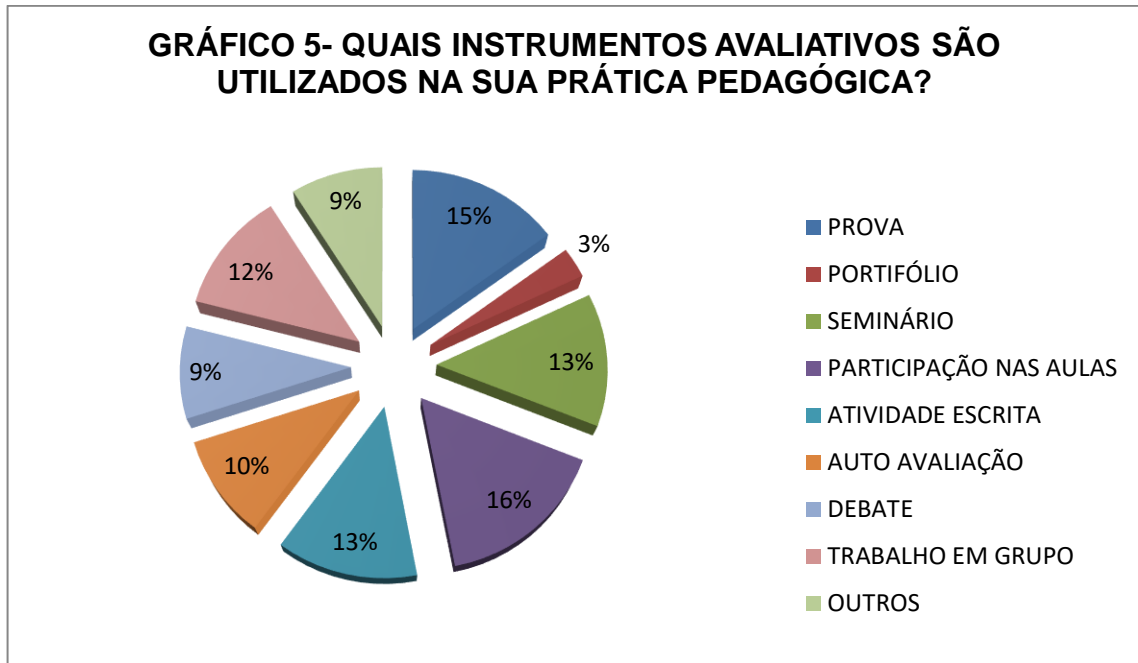
Fonte: Silva, 2019.

Conforme o Gráfico 3, 100% dos professores alegaram que seus planejamentos estão ligados à avaliação. Isso significa dizer que os professores traçam suas metodologias de avaliação segundo seus planos de sala de aula, promovendo então, aos alunos um caminho mais eficiente para o aprendizado.



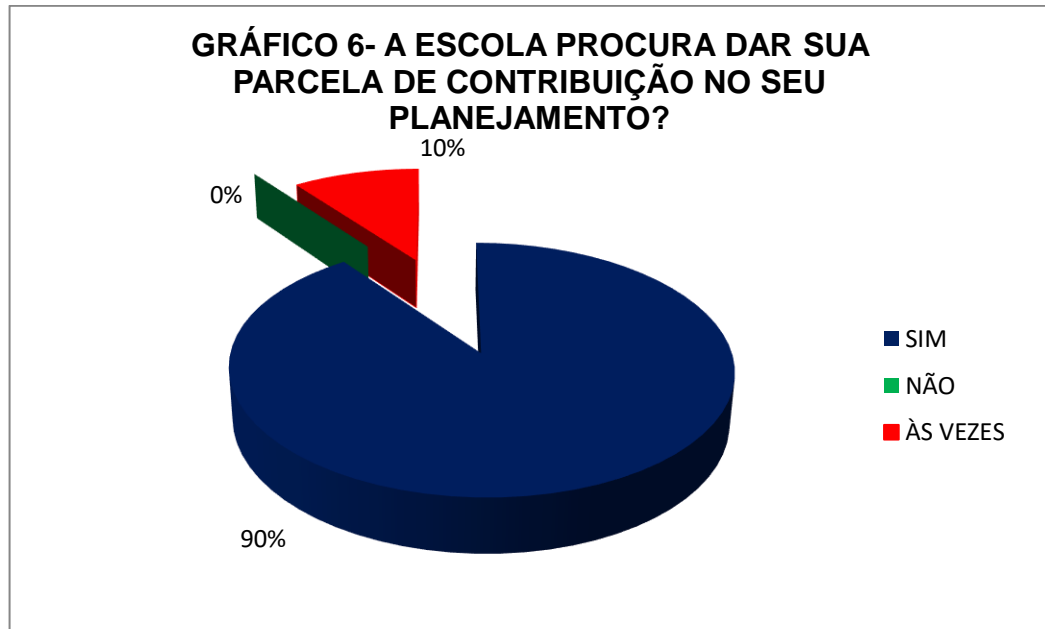
Fonte: Silva, 2019.

Conforme os números do gráfico 4, 55 % dos docentes acreditam que a principal dificuldade para planejar se encontra na ausência de tempo. 5% responderam que a falta de formação dificulta os mesmos a ampliar seus caminhos de planejamento. 40% afirmaram que, existem outras dificuldades que impedem o ato de planejar.



Fonte: Silva, 2019.

Conforme as estatísticas do Gráfico 5, aparecendo com 16% o instrumento avaliativo mais utilizado pelos professores em suas práticas pedagógicas é a participação nas aulas, em seguida com 15% vem a prova. Posteriormente aparecem com 13% seminário e atividade escrita, em sequência com 12% a realização de trabalho em grupo, 10% afirmaram usar a auto avaliação, 9% dos professores empregam em suas práticas o instrumento debate. Podemos ver que 9% dos professores responderam que utilizam outros instrumentos além destes citados como opções no questionário e apenas 3% utiliza o portfólio como instrumento avaliativo. É importante que o professor escolha instrumentos mais viáveis para trabalhar com a turma, podendo variar sua metodologia com os diversos instrumentos de avaliação que estão disponíveis e englobem os alunos aos conteúdos estudados.



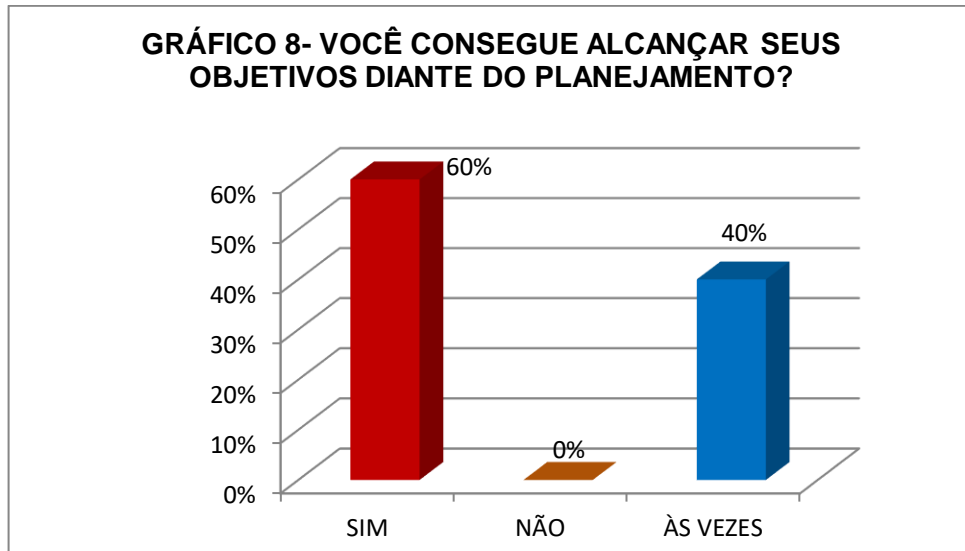
Fonte: Silva, 2019.

Segundo as informações do Gráfico 6, 90% dos professores afirmaram que a escola procura sempre dar sua parcela de contribuição diante do planejamento dos professores, já 10% dos docentes disseram que unicamente às vezes a escola contribui de forma participativa no que diz respeito ao planejamento, demarcando a escola como ausente nesse processo importante.



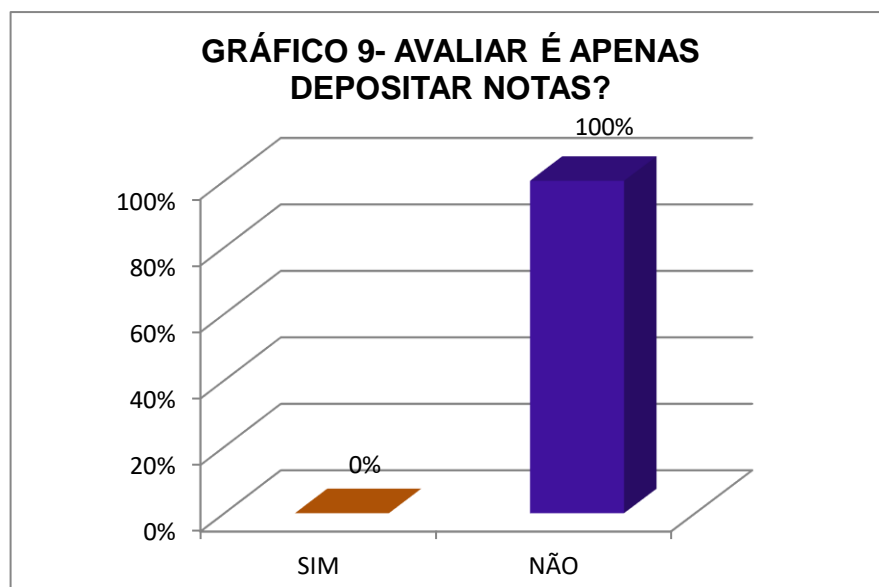
Fonte: Silva, 2019.

Conforme o Gráfico 7, 100% dos professores responderam que recorrem ao plano anual para elaborar suas aulas. Os números aqui mostram um ótimo desempenho dos professores, pois como bem sabemos, devem estar atentos ao planejamento anual para não desviarem dos objetivos traçados e obterem êxito.



Fonte: Silva, 2019.

Segundo o Gráfico 8, 60% dos professores responderam conseguir alcançar seus objetivos diante do planejamento. 40 % dos professores disseram que não conseguem alcançar seus objetivos diante do planejado, Vale considerar que o número de professores que ainda não conseguem alcançar seus objetivos é um pouco preocupante, porém sabemos que esse é um dos maiores problemas envolvendo o planejamento que está interligado a avaliação.



Fonte: Silva, 2019.

Tratando-se do Gráfico 9, 100% dos professores responderam que avaliar não é apenas depositar notas. Sabemos que o sistema educacional de ensino ainda está bastante entrelaçado a essa metodologia, que chamamos de quantitativa, contudo segundo a resposta dos professores supracitados demonstram um pensamento diferenciado no processo avaliativo que sem dúvidas vem a contribuir para o real aprendizado dos alunos.



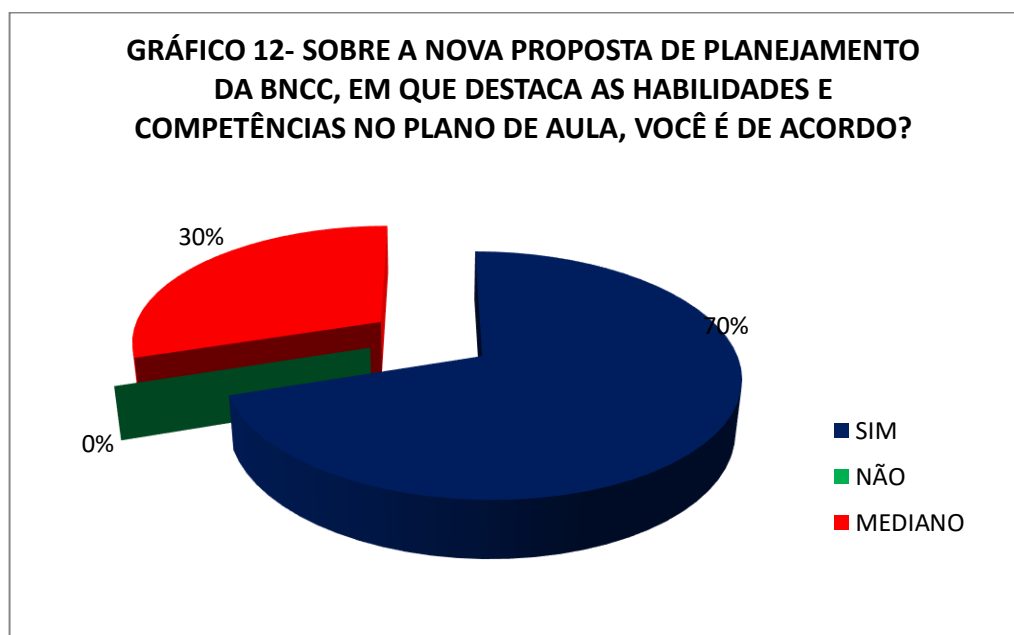
Fonte: Silva, 2019.

Como mostra o Gráfico 10, 70% dos professores alegaram existir diferença entre medir e avaliar. Os Outros 30% responderam não existir diferença entre medir e avaliar. Com as respostas dos professores que responderam “não”, excepcionalmente é perceptível a ausência de uma noção mais flexível de avaliar o aluno .Quando recapitulamos a pergunta sobre avaliar é apenas depositar notas, conseguimos entender que, o professor em sua prática é desafiado a variar sua metodologia de avaliação ,na qual o conhecimento do aluno não vai ser apenas medido por um instrumento ,exemplo” a prova” entretanto avaliado pelo desempenho geral durante todo o bimestre.



Fonte: Silva, 2019.

Segundo o Gráfico 11, 100% dos professores questionados concordam que todo aluno possui sua maneira e seu tempo de aprender. Deve o professor respeitar os limites e ritmo, pois cada individuo tem uma história particular e estrutura biológica diferente, com isso deve o docente pesquisar metodologias que auxilie no procedimento de aprendizagem do aluno.



Fonte: Silva, 2019.

É visível que no Gráfico 12, 70% dos professores responderam estarem de acordo com a nova proposta de planejamento da BNCC, os outros 30% disseram concordarem mediano, em outras palavras, não abraçaram totalmente a nova

proposta de planejamento. A BNCC destaca as habilidades e competências no plano de aula. Depois de muitas propostas e atualizações do sistema educacional brasileiro, foi aprovada recentemente por especialistas esse novo projeto de avaliação. Por ser algo ainda novo podemos dizer que no início venha assustar uma parte dos docentes, porém algumas escolas já estão buscando junto à secretaria de educação municipal de sua cidade uma formação a propósito de esclarecer aos professores essa nova proposta de planejamento nas escolas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho permitiu um estudo imerso a importância do planejamento e avaliação no ensino educacional. Cotidianamente notamos a presença de aspectos negativos que bloqueiam os professores mediante o ato de planejar e avaliar, e muitos se perguntam ,será que minha prática está ultrapassada? Ou simplesmente o cansaço é empecilho para alcançar um rendimento superável no planejamento e avaliação? Outras dificuldades também embarcam aqui, como falta de formação, pouca assistência da escola. A partir dessas problemáticas me atentei a um estudo bibliográfico em que autores referenciais mostraram através dos seus estudos caminhos para uma orientação e concretude no planejamento e avaliação, embora os professores se sintam saturados do sistema educacional que também limitam os professores a darem passos largos, notoriamente vimos que grandes estudiosos apostam no sucesso dos educadores, e que propõe aos mesmos desprenderem-se do repetitivo e buscarem o inovador.

Para ir mais afundo às indagações, foi aplicado um questionário compostas por questões objetivas com intuito de apurar informações e entender a prática diária do professor diante da ação de planejar e avaliar. Ao aplicar o questionário aos professores das primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas do ensino fundamental na cidade de Passa e Fica/RN, foram analisados os dados que apresentaram informações respeitáveis para esse estudo.

Diante dos resultados estatísticos do questionário, os docentes não se intimidaram e demonstraram suas opiniões e experiências educacionais. Tendo em vista as dificuldades que ainda impedem os professores em planejar e avaliar ordenadamente, é possível notar através das repostas que, os objetivos, e instrumentos de avaliação conseguem serem equilibrados em suas praticas, assim também como a frequência em planejar e respeitar as limitações dos alunos referentes à aprendizagem dos conteúdos e o processo de avaliação.

O ato de planejar e avaliar são imprescindíveis no espaço educacional, e principalmente na vida do ser humano que ingressa na vida estudantil desde logo cedo. É necessário que o professor esteja ativo a essa praticidade e incorpore seus objetivos à realidade do alunado.

Em virtude do que foi descrito e mencionado, Elevo a importância desse trabalho, ou melhor, do planejamento e avaliação, não apenas para os professores que lidam

diariamente nas salas de aula, mas a todos os acadêmicos, para que se interessem e possam continuar pesquisando sobre este tema que é tão presente na vida dos professores.

Portanto, destaco os aspectos positivos que possam preponderar na ação do planejamento e avaliação, como: a flexibilização, observância da realidade em que o professor está situado e, a auto avaliação que envolve todas as ações desenvolvidas nas aulas. Logo, diante das metodologias de planejamento e avaliação, estas estarão sempre conectadas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. A transmissão da cultura. In: AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos/INL, 1976.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/viewFile/9746/6592>. Acesso em: 10 maio 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/junio/Desktop/DANIELI%20BRUSAFERRI%20Avaliacao%20da%20aprendizagem%20nos%20anos%20iniciais%20do%20ensino%20fundamental%20para%20a%20democratizacao%20do%20ensino.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2019.

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf Acesso em 10 de abril de 2019.

_____. **Base Nacional Comum Curricular(BNCC)**-Florianópolis:2018 Disponível em: file:///C:/Users/junio/Desktop/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em 28 de abril 2019.

DINIZ, Terezinha. **Sistema de avaliação e aprendizagem**. LTC – Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro: editora, 1982. Disponível em : <file:///C:/Users/junio/Desktop/DANIELI%20BRUSAFERRI%20Avaliacao%20da%20aprendizagem%20nos%20anos%20iniciais%20do%20ensino%20fundamental%20para%20a%20democratizacao%20do%20ensino.pdf> Acesso em 15 de maio de 2019.

GATTI, B. Avaliação educacional no brasil: pontuando uma história de ações **EccoS Revista Científica**, vol. 4, núm. 1, junho, 2002. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71540102>. Acesso em 29 de abril de 2019.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Trad. Patrícia C. Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/junio/Desktop/DANIELI%20BRUSAFERRI%20Avaliacao%20da%20aprendizagem%20nos%20anos%20iniciais%20do%20ensino%20fundamental%20para%20a%20democratizacao%20do%20ensino.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2019.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos & Contrapontos: Do pensar ao agir em avaliação**. 9ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática** – São Paulo: Cortez, 1994. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/5956/1/PlanAulasLeit_Monografia_2017 Acesso em 05 de maio de 2019.

_____. **Organização e gestão de escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/junio/Downloads/planejamento%20educacional%20-%20concepcoes.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2019.

_____. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜCK, H. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Avaliação da Aprendizagem**. São Paulo/SP: Cortez 2011, p.149- 294. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/LuciaMariadeAsssis-ComunicacaoOral-int.pdf> Acesso em 27 de abril de 2019.

MAIA, C.M. SCHEIBEL, M. F; URBAN, A. C. **Didática: organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MATUI, J. **Construtivismo: teoria construtivista sócio histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4518/3/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20educacional%20reflex%C3%A3o%20sobre%20o%20IDEB_Artigo_2016.pdf Acesso em 10 de abril de 2019.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf Acesso em 18 de maio de 2019.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Disponível em https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16122_9317.pdf Acesso em 15 de maio de 2019.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico - elementos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad Editora, 2006.

VEIGA, Ilma Passos (coord.). **Repensando a Didática.** Campinas: Papyrus, 1989.

APÊNDICES



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III –“OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES SOBRE
PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO.**

Nome do professor questionado:

Instituição:

Ano de ensino:

1-Voce gosta de planejar?

Sim () não ()

2-Qual a frequência que você planeja suas aulas?

Semanalmente () Quinzenal () não defino tempo para planejar

3-Os seus planejamentos estão ligados à avaliação?

Sim () não () as vezes ()

4-Quais as principais dificuldades para planejar?

Falta de tempo () Falta de formação () falta de autonomia () outros ()

5-Quais instrumentos avaliativos são utilizados na sua pratica pedagógica?

Prova () portfólio () Seminário ()

Participação nas aulas () Auto avaliação () Debate ()

trabalho em grupo () Atividades escritas () outros ()

6-A escola procura dar sua parcela de contribuição no seu planejamento?

Sim () não () as vezes ()

7-Você recorre ao plano anual para planejar suas aulas?

Sim () não () as vezes ()

8-Voce consegue alcançar seus objetivos diante do planejamento?

Sim () não () as vezes ()

9-Avaliar é apenas depositar notas?

Sim () não ()

10-Para você existe diferença entre medir e avaliar?

Sim () não ()

11-Você concorda que todo aluno possui sua maneira e seu tempo de aprender?

Sim () não ()

12-Sobre a nova proposta de planejamento da BNCC, em que destaca as habilidades e competências no plano de aula, você é de acordo?

Sim () não () mediano ()